

# A memória jesuítica e as festas de “Chica” guarani\*

*The memory of the jesuits and the guarani's  
“Chica” parties*

Maria Cristina Bohn Martins\*\*

## Abstract

The members of Companhia de Jesus wrote down reports aiming to inform their superiors about the progress and difficulties faced by them in their apostolic work during the “mission” activities in overseas territories. Through their registers the Jesuits contributed to establish a memoir of the missionary acts in order to enable others to read, copy and diffuse their writings, as well as to inform about the native population targeted. This current work analyses the building up of this memoir from a specific subject, the “chicha” party of the Guarani groups and its changing into a historical source.

Key-words: memoir, party, Jesuit

## Resumo

Em atividade de “missão” nos territórios ultramarinos, os membros da Companhia de Jesus redigiram textos que tinham por objetivo informar aos seus superiores os progressos e as dificuldades enfrentadas no trabalho apostólico. Escrevendo para que outros lessem, copiassem e difundissem seus escritos, os religiosos contribuíram, desta forma, para estabelecer uma memória sobre sua atuação missionária, bem como acerca das populações indígenas que dela foram alvo. O presente trabalho analisa a construção desta memória a partir de um tema particular, as festas de “chicha” dos grupos guarani, e também a sua transformação em fonte histórica.

Palavras-chave: memória, festa, jesuítas

*“En tiempo de chicha no hay que hablarles de Dios”  
(P. Manuel Canelas SJ.)*

Em artigo recente, Fernando Torres Londoño lembrou que a Companhia de Jesus surgiu e estendeu sua atuação sobre quatro continentes no

\* Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS - com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS. Uma versão preliminar do trabalho foi apresentada no seminário FRONTERAS INTER-ÉTNICAS EN LAS AMERICAS. FUENTES, TEMAS Y TEORÍAS do 51º Congreso Internacional de Americanistas. Santiago do Chile, 14 - 18 de Julho de 2003.

\*\* Doutora em História, Professora Titular do PPG em História da UNISINOS, São Leopoldo, RS.

século XVI "sob o domínio da escrita". A atividade epistolar teria sido, então, uma resposta ao desafio da dispersão e da necessidade de estabelecer canais e formas de comunicação, bem como um meio de cuidar da circulação de informações. As próprias *Constituições da Ordem* "estabeleciam responsabilidades para a geração das informações e destinatários destas. Foram fixados prazos, determinada a produção de cópias, definida a circulação destas, consideradas as línguas e apontados os temas a serem tratados nas cartas".<sup>1</sup>

Na América, tanto quanto na Ásia e na Europa, os jesuítas redigiram textos em que deveriam informar seus superiores sobre progressos e dificuldades da atividade missionária. O testemunho do esforço dos padres em missão apostólica deve servir de estímulo, renovar e revigorar o entusiasmo pela vocação religiosa e apostólica, assim como apresentar ao público europeu notícias desta gente "bárbara" e do valor da obra da Companhia. Desta forma, escrevendo para que "outros lessem, copiassem, difundissem e guardassem",<sup>2</sup> eles contribuíram ativamente para estabelecer uma memória sobre sua atuação missionária, e ainda acerca das populações indígenas que dela foram alvo.

Na chamada Província do Paraguai<sup>3</sup>, mesmo considerando o trabalho desenvolvido pelos franciscanos<sup>4</sup>, foram os membros da Companhia quem, mais sistematicamente, encarregaram-se de registrar em cartas, crônicas, histórias e trabalhos lingüísticos, o "modo de ser" dos Guaranis, a mais numerosa dentre as tribos da região à época. Se à grande maioria das páginas daí resultantes faltam aquelas características que Duverger encontra no "trabalho etnográfico" dos franciscanos no México<sup>5</sup>, os jesuítas podem ser apontados como os mais ativos cronistas de costumes e práticas que deveriam combater em nome do cristianismo.

Embora seus registros componham, portanto, o mais importante conjunto de dados dos quais dispomos para o estudo dos

<sup>1</sup> TORRES LONDOÑO, Fernando. Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI. In: *Tempos do Sagrado. Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, v. 22, n. 42, 2002, p. 11 - 32.

<sup>2</sup> *idem*, p. 15

<sup>3</sup> A "Província do Paraguai" abrangia limites mais extensos que os da moderna República Paraguai. Recebendo o nome do rio que a banhava, compreendia a região que se estendia entre Brasil e o Peru até o Prata e o Oceano Atlântico. O antigo "Paraguai" limitava-se, ao norte, com a Capitania de São Vicente, pois a linha imaginária que separava os territórios de Portugal, passava sobre o Iguape, no atual Estado de São Paulo; ao sul com o Rio da Prata, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com a Província de Tucumán, hoje território argentino. Os atuais Estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e sul do Mato Grosso, subindo daí até a bacia do Amazonas, estavam sob sua jurisdição; da mesma forma, o Uruguai e a Argentina, com exceção de Tucumán. No atual território boliviano, limitava-se com a Província de Santa Cruz de la Sierra.

<sup>4</sup> Ver: NECKER, Louis. *Indios Guaranies y Chamanes Franciscanos. Las primeras reducciones del Paraguay (1580 - 1800)* Asunción: Centro de Estudios Antropológicos; Universidad Católica, 1990. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, n. 7).

<sup>5</sup> "...primero un escuchar, una simpatía, una mirada posada en el otro, una disposición de alma que lleva en sí el deseo de comprender" DUVERGER, Christian. *La conversión de los indios de la Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 156.

Guaranis, anterior ou paralelamente ao processo de "conquista espiritual", eles têm talvez como característica mais importante, o "reduccionismo". Ou seja, o fato de os padres estarem atuando em um processo de redução dos índios à "vida política e humana" informa toda esta produção literária que veio a se constituir em documentação histórica. Este reduccionismo opera sobre a documentação tanto ao fragmentar a realidade observada, quanto ao traduzi-la a partir de categorias estranhas à cultura que está sendo descrita:

"Los dados consignados (...) son fragmentarios, no sólo porque no abarcan todos los aspectos de la vida real de los Guaraní (...), sino porque no dejan de ver esa realidad ya traducida según las categorías propias del observador, que en ningún momento se desprende de su condición de "reductor". Al hacer la traducción de la realidad guaraní a la mentalidad misionera de aquel momento histórico, esa realidad en seguida es relativizada, connotada y modificada a partir de un sistema de significado ajeno".<sup>6</sup>

Sobre certos temas em especial, como aqueles das festas que conduzem a presente reflexão, este condicionante é evidente. Tais oportunidades, em que se estabelecia o contato com o sagrado através de práticas rituais que envolviam a ingestão de bebidas alcoólicas, foram entendidas e traduzidas como «borracheiras» e logo avaliadas como um "vício generalizado" entre as populações indígenas.

Não apenas a respeito dos Guaranis e das festas de *chicha* guaraní manifestaram-se os religiosos. Pedro Lozano avaliou serem os Chiriguanoes "sobremanera dados a embriaguez",<sup>7</sup> enquanto Cardiel relacionou a inclinação de Mocoibies e Abipones à bebida entre os "vícios comuns aos índios americanos", ao lado da feitiçaria, superstições e luxúria.<sup>8</sup> Charlevoix disse dos Guaicurús que "una de sus pasiones dominantes es la borrachera, y ésta hace perder toda esperanza de amansarlos"<sup>9</sup> e, sobre os Chiquitos, que "ni aun se ha observado entre ellos ninguna indignación viciosa, como no sea la borrachera,

<sup>6</sup> MELLÁ, Bartomeu. El "modo de ser" guaraní en la primera documentación jesuítica. (1541-1632). In: *El Guaraní. Conquistado y Reducido*. Ensayos de Etnohistoria. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos: Universidad Católica, 1988, (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5), p. 93-129.

<sup>7</sup> LOZANO, P. Pedro SJ., *Descripción Chorographica del terreno, rios, árboles y Animales de las dilatadísimas Provincias del gran Chaco Gualamba: y de los ritos y costumbres de las innumerables Naciones bárbaras, e infieles que las habitan* etc. Córdoba, 1753, p. 48. Cit. por: RUIZ MORENO. Anibal. La lucha antialcoólica de los jesuitas en la época colonial. In: *Revista Estudios*. n. 62, Buenos Aires, 1939, pp. 332-352 e 423-446.

<sup>8</sup> "tenían todos los vicios comunes a toda nación de infieles americanos, la hechicería, embriaguez y lujuria en la pluralidad de mujeres, y sobre esto varios ritos supersticiosos". In: FURLONG, Guillermo S. J. *José Cardiel S. J. y su Carta Relación (1747)*. Escritores Coloniales Rioplatenses II. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953, p. 169

<sup>9</sup> CHARLEVOIX, P. Pedro Francisco Javier de SJ., *Historia del Paraguay escrita en francés por el P. Pedro Francisco Javier de Charlevoix de la Compañía de Jesús, con las anotaciones y correcciones del P. Muriel, traducida al castellano por el P. Pablo Hernández*. 6 tomos. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1910-1916, T. I, (1910), p. 134.

cuyo hábito contraían desde la infancia”<sup>10</sup> A ánuua de 1645-1647, ao referir-se aos Calchaquíes, qualifica-os de “célebres por el salvajismo, supersticiones y perpetuas borracheras”.<sup>11</sup> Sobre os Pulares e Diaguitas, Diego de Torres anotou: “... sobretudo las borracheras son tantas y tales que tienen lo más del año sin entendimiento fieros y hechos fieras”.<sup>12</sup>

As festas guaranis, suas danças e cantos, banquetes e consumo de cerveja de milho, foram alvo do relato histórico desde os momentos iniciais da Conquista. Como provocadoras de situações passionais e irracionais, elas aparecem nele como desencadeadoras de vários dos “males” e “defeitos” da sociedade indígena.

Recém chegado ao “Paraguay”, o Padre Alonzo Barzana é o responsável por uma das primeiras notícias (1594) a seu respeito, ao denunciar a existência entre os índios de certos feiticeiros, “cuya principal doctrina es enseñarles a que bailen, de día y de noche, por lo cual vienen a morir de hambre, olvidadas sus sementeras”.<sup>13</sup> Retirados do contexto que os significam, os cantos e danças parecem confirmar a «inata preguiça» dos nativos americanos e a desordem de sua sociedade.

Embriguez e luxúria são outra associação constante no discurso missionário a respeito das festas indígenas, sendo o álcool o instigador de pecados “feisimos y nefandos”.<sup>14</sup>

“Beben a porfía, cubas enteras se vacían sin dar tiempo a respirar (...) hasta que Baco los tumba por el suelo. Pasan veladas enteras en el paroxismo de la locura y del más desvergonzado desenfreno. Todo está permitido frente a cualquier persona en razón de las sagradas leyes de la borrachera. De ahí surgen aberraciones que a cualquier ser humano le da vergüenza contar. No se perdona a las doncellas, no se respeta ni la madre. No hay diferencia ninguna entre los cónyuges. La pasión hace furor incluso con otros varones, y hombres con hombres cometen las mayores torpezas”.<sup>15</sup>

O Provincial Diego de Boroa, por exemplo, atribui a este «vício» o impressionante declínio demográfico observado na região da cidade de Santiago del Estero. Segundo seu depoimento, por volta de

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*

<sup>11</sup> Cit. por: RUIZ MORENO, op. cit., p. 342.

<sup>12</sup> *Cartas Ánuuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesus. Con advertencia de Emilio Ravignani e Introducción del P. Carlos Leonhardt. Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929, t. 1 (Documentos para la Historia Argentina, t. XIX, Iglesia), p. 95 (Doravante CAI)*

<sup>13</sup> Carta de Alonso Barzana de 1594. In: *Monumenta Peruana*. Edição de Antonio Egaña. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1954-1981, v. 5, p. 591.

<sup>14</sup> MAEDER, Ernesto. *CARTAS ANLUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1632-1634)* Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1990, p. 31-32.

<sup>15</sup> A observação do P. Acosta refere-se aos incas. Ver: ACOSTA, José de. *De Procuranda Indorum Salute*. Estudio Preliminar de Luis Perfeñ. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., (v. 1: Pacificación y Colonización, cap. XXI), p. 565.

1552 existiam aí cerca de 86.000 índios “encomendados” e, cerca de 80 anos depois, apenas 1500. A mortandade, explicava-se para o jesuíta, não era devido às duras condições impostas aos “índios de serviço”, e sim pelos “*manifiestos errores y (...) perversion de las voluntades con que ciegameente se despeñan en toda surte de vicios principalmente en los de la embriaguez y luxuria ...*”.<sup>16</sup>

Recorrentemente na documentação, as bebedeiras são associadas, também, a uma inspiração demoníaca. Idolatrias - especialmente em se tratando de religiões como a asteca ou inca, que apresentavam corpo sacerdotal, templos e impressionantes representações plásticas - e ritos supersticiosos eram mais uma expressão das artimanhas do maligno em seus arremedos de Deus. Portanto, a embriaguez não é execrada somente por provocar comportamentos de moralidade condenável, mas especialmente por ser uma manifestação concreta da ação do demônio sobre estes povos ignorantes da verdadeira fé: “*El demonio se hace fuerte con ellos, por ser éste (de la embriaguez) su castillo roquero y la red barredera en que los coge: porque fuera del mal que de suyo tiene, está hermanado con la desonestidad (...)*”.<sup>17</sup>

“Estavan muchos indios (...) en una borrachera y una india con curiosidade de ver lo que entre ellos pasava se puso en asecho y vió al demonio (...) regosijado bebiendo con ellos y (...) *precidiendo aquella bestial junta, buelta la india a su casa la fue siguiendo el demonio y hallándola sola la saludó con su acostumbrada frace, estas aquí, y tuvo con ella muchas acciones lascivas ...*”.<sup>18</sup>

A força do imaginário moral e religioso dos Padres transfere-se para a linguagem empregada, preenchendo os relatos com imagens cuja tônica é, via de regra, a selvageria, fealdade e ferocidade dos índios: “*En semejantes celebridades se pintaban el cuerpo con colores y rayas que los hacían aparecer horribles y fieros, anadiendo mayor deformidad á su práctica la estupenda gritería, confusión y estruendo de bocinas, flautas y atambores que resonaban sin cesar mientras duraba la borrachera*”.<sup>19</sup>

“Las mujeres de estas tierras son desvergonzadas. Borrachas, la cara horriblemente pintada, bailan unas danzas verdaderamente abominables”.<sup>20</sup>

<sup>16</sup> MAEDER, op cit., p. 31-32.

<sup>17</sup> CARTA DEL P. PROVINCIAL PEDRO DE OÑATE en que se relaciona el acaecido durante el año de 1616. In: *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguai, Chile Y Tucumán de la Compañía de Jesus*. Con advertencia de Emilio Ravignani e Introducción del P. Carlos Leonhardt. Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929, t. 2. (Documentos para la Historia Argentina, tomo XX, Iglesia), p. 85 (Doravante CAII)

<sup>18</sup> MAEDER, op cit. 32-33.

<sup>19</sup> In: HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesus*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1913, p. 74.

<sup>20</sup> MAEDER, Ernesto. *CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1637-1639)* Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984, p. 171.

A ligação com o ritual antropofágico acrescentava às "festas de *chicha*" outra terrível dimensão. Era sob a inspiração do demônio que, em seus "festivais de Baco", os Guarani banquetevam-se com a carne dos inimigos: "*Pues es costumbre de los indios de guerra, vengarse de sus enemigos de una manera atroz, despojando al cautivo y matándolo durante sus borracheras ...*".<sup>21</sup>

Muito cedo se estabelece, pois, um olhar de denúncia e condenação em relação às "celebrações pagãs". Também cedo os missionários da Companhia de Jesus perceberam que o valor conferido pelos guaranis às suas festas era um dos problemas a serem superados pela ação evangelizadora.

Embora a tônica principal dos relatos envolvesse, pelas razões que vimos apontando, fortes críticas, em alguns momentos a documentação reflete um entendimento mais complexo acerca destes momentos. O P. Diego de Boroa, por exemplo, recolhe a sua ligação com os rituais envolvidos no trabalho comunitário:

"... en veniendo de alguna caza o pesca, y al tiempo de labrar sus chacras, todos se juntaban a (...) emborracharse, y en acabando el vino de una casa, pasan a otra (...)"<sup>22</sup> Por sua vez, o Provincial Pedro de Oñate apontou seus vínculos com a deliberação de questões importantes para o grupo: "(...) y el día siguiente llegamos cerca del Iguazu (y el demonio dio muestras de lo que sentia nuestra llegada porque) el mismo día avian hecho los indios una junta general con una gran borrachera (que estos son los concilios que juntan para determinar cosas de grande importancia) para tratar si nos dexarian entrar o no y para mayor solemnidad avian muerto un hombre que tenían cautivo, (...)"<sup>23</sup>

Já se disse que compreender a dimensão da festa para os Guaranis é essencial para o conhecimento do seu ideal de sociedade. Modernamente, a situação de uma comunidade, sua vitalidade ou eventuais crises, aparece significada de imediato na freqüência e qualidade de suas festas. A festa é, entre eles, uma importante força de integração social, momento em que a sociedade se reconhece, afirma normas de vida coletiva e laços de solidariedade, partilha conhecimentos e sentimentos comunitários. Rituais de iniciação, de nomeação, de primeiras colheitas e outros, são oportunidade para cerimônias comunitárias ou intergrupais, efetuadas em contextos revestidos de simbolismo. Nessas ocasiões, visitantes e anfitriões engajam-se em jogos, danças, cantos, troca de notícias, de presentes e alimentos. É comum a preparação prévia de muita comida e cerveja para aguardar a chegada dos convidados.

<sup>21</sup> QUINTA CARTA ANUAL DEL P. DIEGO DE TORRES, de abril de 1614. In: CAI: 378

<sup>22</sup> CAI: 83.

<sup>23</sup> CARTA DO PROVINCIAL PEDRO DE OÑATE de 1620. In: CAI: 278 - 279.

O próprio fato de impor-se a absorção de bebidas fermentadas todas as vezes que estava em jogo o interesse da comunidade, evidencia que o ato revestia-se de um caráter especial. Segundo sabemos a respeito dos Tupinambás, seu consumo estava rigorosamente interdito às crianças, e o adolescente só se considerava núbil a partir do dia de sua participação na "borracheira" organizada para festejar a própria virilidade.<sup>24</sup> O álcool é, neste contexto, uma droga de uso social, associado ao reforço dos laços do grupo que compartilha o beber. Tanto as beberagens quanto a ingestão de alucinógenos propiciariam o transe capaz de estabelecer o contato com o mundo dos espíritos. Seu consumo, ao lado das dança entremeadas de cânticos ou cortadas por alaridos, deveria conferir leveza ao corpo, habilitando-o para o encontro com o sagrado.

Uma outra perspectiva pela qual podemos reconhecer o aparecimento da festa e do festejar, dos bailes, cantos e "bebedeiras" na documentação, seria a de uma resposta guarani às imposições do colonialismo: resistência ao trabalho compulsório na "encomienda", resistência à redução nas aldeias jesuíticas.

O padre Del Techo revela que, nos momentos iniciais da evangelização do Paraná, os jesuítas tiveram que enfrentar a oposição de um poderoso mago "*famoso por sus crueldades*" que, diante da presença dos missionários, "*viajó luego por varias regiones, enseñando (...) falsas doctrinas y separando a cuantas personas podía del culto de Cristo*". O "feiticeiro" incitava aos índios para que vivessem "*según los antiguos costumbres, entre bailes y libaciones, celebrando la memoria de los antepasados*".<sup>25</sup>

Igualmente a *Ánua de 1637-1639*, assinada por Francisco Lupercio de Zurbano queixava-se:

"Los padres de su parte hacen ciertamente lo posible para librar a los indios de su ignorancia, pero estos adelantan muy poco en deshacerse de sus malas costumbres y supersticiones antiguas, aunque asistan al catecismo. Ya cerca de dos años habían trabajado los Padres desesperadamente, y todavía no se vió mejoría de costumbres, tan indomable es esta gente, tan dura de cabeza, y de tanta bajeza de carácter. No les entran los consejos de los Padres. Así es espantosa entre ellos la borrachera, haciéndose un beberaje fermentado de miel sivestre aumentando su eficacia para embriagar cierta flor de campo, de donde sacan la miel las abejas. A consecuencia de esta ebriedad son frecuentes abortos, peleas, asesinatos, y a veces verdaderas batallas entre las diferentes tribus de indios".<sup>26</sup>

<sup>24</sup> MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 171.

<sup>25</sup> DEL TECHO, Nicolas. *História de la Provincia del Paraguay de la Compania de Jesús*. Madrid: Librería e Casa Editorial A de Uribe y Compañía, 1897. 7 tomos, Tomo III, p. 176, 177 e 178 respectivamente.

<sup>26</sup> MAEDER, op. cit., p. 169 - 170.

Embalada por cantos e danças cerimoniais, a festa guarani talvez fosse a expressão mais evidente de uma religiosidade que não conhecia doutrina, ídolos ou templos<sup>27</sup>. O discurso missionário jesuítico, no entanto, desvinculando-a de seu sentido ritual e religioso, do seu valor simbólico para a manutenção da coesão grupal, orientou-se por uma perspectiva em que as bebedeiras eram associadas a manifestações de barbárie e imoralidade. Fora de seus nexos cerimoniais, o consumo da *chicha* é percebido como embriaguez, manifestação de falta de virtudes morais e espirituais, merecendo iradas condenações.

Os "excessos" propiciados pelas festas, manifestação concreta do mal entre os indígenas, requeriam, por parte dos padres, ações enérgicas:

"Andava corriendo los pueblos (...) quando (...) tuvo nueva que en otros pueblos (...) avia avido el día antecedente (...) una muy solemne borrachera de la qual avian quedado (con muy de ordinario suelen) dos indios descalabrados. Torció luego el camino para ellos (...) estaban congregados desde el día antecedente todos los indios de tres pueblos y otros muchos (...) y avian ya comenzado a vever y a cevar el furor de la borrachera (...). Metiose el Padre en su rueda y comenzó con mucho fervor a predicarles y hazerles reçar y cantar la doctrina y entretenialos para que engañado assi el tiempo y passandose el día se impiediese tan grande número de peccado pero ya cansado les dixo que quería hazer prueba de quienes eran del vando de Satanás y quienes del de Cristo y que para esto en nombre de cada pueblo se levantasse un cacique y le sacrificasen un cántaro de su *chicha* (es el licor que les priva de su juicio esprimido de varias legumbres y frutas que tienen mas fuerça para embriagarlos que el vino mas generoso) dexando-la beber y vertiendola (...). A estas palabras se pusieron luego en pié tres caziques y el uno de ellos asiendo de las tinajas comenzó a verterlas (...). Mas los otros dos embriagados tanto del furor del vino como de la cólera y zaña asieron de sus arcos y tras ellos sus vaçallos con el mesmo coraje que eran muchos viendo a sus caziques alvortados y retirándose al monte algunos pasos (...)"<sup>28</sup>

Apesar de tais constatações, contudo, as observações dos missionários acabam por evidenciar, em certas passagens, o caráter ritualístico da ingestão de bebida, como parte integrante de cerimônias e celebrações. O consumo de bebidas alcoólicas aparece, neste contexto, não como um ato individual e praticado isoladamente, mas

<sup>27</sup> Fazendo eco às observações de Colombo que, ainda em outubro de 1492, afirmava sobre os nativos das Antilhas "que me pareció que ninguna secta tenían", já bem entrado o século XVIII, o Padre Pedro Lozano dirá sobre os Guarani, que eram "finos ateístas, sin tributar adoración a Deidad alguna, pues todas las ignoram igualmente". Ver: COLÓN, Cristóbal. *Los cuatro viajes; testamento*. Madrid: Alianza, 1986, p. 63 e LOZANO, Pedro. *Historia de la Companhia de Jesús en la provincia del Paraguay*. T I Madrid, 1754, p. 110.

<sup>28</sup> MAEDER, 1990, p. 153.



associado a uma prática de consumo social que segue normas tradicionais de conduta.

Nathan Wachtel apontou com lucidez que um dos sintomas mais dramáticos da ruptura das culturas nativas americanas pode ser encontrado na mudança qualitativa que assumiu o consumo do álcool, um fenômeno advertido por vários cronistas. Nas sociedades pré-colombianas, normas estritas regulavam o seu uso. Quer o *pulque* no México, quer a *chicha* andina, só poderiam ser consumidos em ritos religiosos em que a bebida punha os homens em contato com o sagrado. Foi apenas após a Conquista que a utilização ritual do álcool deixou de diferenciar-se do consumo por razões seculares.<sup>29</sup> Enfrentados com a propagação do alcoolismo, os espanhóis adotaram uma política ambígua. Se de um lado combatiam-no por razões morais, de outro estimulavam o consumo na medida em que vendiam aos índios o vinho, de teor alcoólico mais elevado e, por conseguinte, de efeitos mais severos que as bebidas tradicionais.

Como as festas eram tidas como origem de comportamentos imorais e “fomentadoras de la idolatria”, tornava-se evidente para os missionários a necessidade de que “se las elimine y se las borre del mapa con la mayor diligencia”<sup>30</sup>, uma vez que, segundo registraram os próprios religiosos, “en tiempo de chicha no hay que hablarles de Dios”.<sup>31</sup> A mesma impressão, aliás, tinha o primeiro Provincial da Companhia de Jesus no Paraguai para quem o índio guarani “tiene [...] un impedimento p<sup>o</sup> ser Christiano[s], y es que todas las mañanas las dos, o las tres, se levantan a beuer, y dura la borrachera hasta que amanezca [...]”<sup>32</sup>.

O Primeiro Concílio do Rio da Prata em 1603 preocupou-se diretamente com a questão, tendo estabelecido a erradicação das bebedeiras como meta a ser perseguida. Podemos assim encontrar, na Parte III<sup>a</sup> das disposições sinodais, o chamamento para “que se quiten las borracheras y supersticiones de los indios”:

“Tengan los curas cuidado de inquirir y castigar los indios hechiceros, porque son pestilencia que inficiona los pueblos; y particularmente tengan de quitar los llantos y ritos supersticiosos que tienen en las muertes de los indios. Y ansimismo encargamos que procuren evitar en cuanto pudieren las borracheras, que son origen de las idolatrias, horribles incestos, muertes, y otros daños causados por ellos.”<sup>33</sup>

<sup>29</sup> WACHTEL, Nathan. Los indios y la conquista española. In: BETHEL, Leslie. (org.). *Historia de América Latina*. I. América Colonial: La América precolombina y la conquista. Madrid: Crítica, 1992. p. 170-194.

<sup>30</sup> ACOSTA, op. cit., 565.

<sup>31</sup> A impressão é do P. Manuel Canelas SJ, referindo-se aos índios Mocobies. cit. por: RUIZ MORENO, Anibal. Op. Cit., p. 342.

<sup>32</sup> TERCEIRA CARTA ANUA DO P. DIEGO TORRES, de abril de 1611. In: CAI: 88.

<sup>33</sup> In: MATEOS, Francisco S. J. El Primer Concilio del Rio de la Plata en Asunción (1603). In: *Misionología Hispánica*. Madrid, a. XXBI, n. 78, 1969, p. 353.

A própria necessidade de conhecer os ritos pagãos que deveriam ser extirpados, motivou indagações e descrições a seu respeito, as quais acabaram por resultar em importantes registros à disposição do historiador. Porém, o trato com esta memória jesuítica que veio a constituir-se em fonte histórica, requer um apurado trabalho de crítica que considere o aporte antropológico e sua experiência com a relativização. Se este cuidado orienta os estudos contemporâneos, a historiografia mais tradicional a respeito da ação missionária no Prata incorporou aprioristicamente o relato jesuítico, entendendo que o documento era, em si próprio, a expressão da verdade. Se as reduções foram, para esta produção, um espaço de ordem, continência e civilidade, estas qualidades erigiram-se sob o pulso firme e ação meritória dos missionários, trabalhando contra as forças da desordem, incontinência e incivilidade dos índios.

Para Furlong, por exemplo, a borracheira era um entre os vários "vícios" que "predominavam entre os guaraní". Nas cauinagens ele não encontra nenhum caráter cerimonial sendo que "las borracheras no eran actos religiosos reservados entre los Guaraníes para ocasiones especiales y para circunstancias particulares, sino que era una costumbre diaria. Era lo habitual. Sólo el instinto de conservación, o la necesidad de adquirir lo necesario para la vida, o falta de materia prima con que hacer sus brebajes, o la conveniencia de estar alertas contra posibles o probables enemigos, los alejaba a las veces de su inveterado vicio".<sup>34</sup>

No século XVII, ao tempo do estabelecimento dos povoados missioneiros onde os Guarani deveriam ser aldeados para viver "política e humanamente", enquanto os missionários tinham na erradicação das «cauinagens» uma determinação inegociável, os índios, por seu lado, aferravam-se fortemente a uma prática vital para que a comunidade mantenha o seu *tekó*, o seu modo de ser tradicional. A manutenção do *Arete*<sup>35</sup> aparecia assim, ao tempo dos primeiros embates entre guaranis e religiosos, como elemento de afirmação da identidade grupal contra o novo modo de ser proposto pelo sistema colonial. Com a consolidação das aldeias, o trabalho de catequese e incentivo às práticas cristãs acabaria por incorporar as celebrações festivas. As novas festas mantiveram um forte conteúdo emocional e estiveram sempre associadas à experiência religiosa. A piedade barroca contudo, não abria espaço para as execradas beberagens.

<sup>34</sup> FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Ayres: Imprenta Balmes, 1962. P. 76.

<sup>35</sup> Montoya traduziu areté para o espanhol como "dia santo", "dia verdadeiro". MONTROYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la Lengua Guaraní*. Publicado nuevamente sin alteración alguna por Julio Platzmann. v. I e II. Leipzig: Imprenta W. Drugulin, 1876, p. 67